



CONSTRUINDO O “SER” MULHERES NA HISTÓRIA: EM BUSCA DA IGUALDADE E DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES

Rosemara Unser¹

RESUMO

Construir o “ser” mulheres, encontra-se em constante transformação. A busca pela reapropriação do poder roubado, não permitido e desacreditado, não é tarefa fácil e, tampouco, nem todas as mulheres estão dispostas, têm forças ou possuem percepção suficiente para fazê-lo. O processo de libertação e transformação pode ser doloroso, para permitir o nascimento da nova mulher. Está-se no século XXI, e denota-se que a desigualdade de gênero segue gritante no mundo todo, algumas vezes com maior ou menor proporção. O trabalho busca entender esta situação das mulheres, utilizando como pano de fundo a cultura do patriarcado, que vitima o sexo feminino independente de etnias, situação financeira ou credo, se naturalizando nas relações humanas. Neste sentido, há uma identidade subalterna construída para as mulheres, sendo que nas desigualdades encontram-se os processos de formação de identidades, mas também de resistência, assumido, em especial por movimentos feministas que muito tem contribuído para uma reconfiguração identitária feminina. As mulheres têm encontrado nestes movimentos um espaço de luta, força e persistência para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva para as mulheres.

Palavras-chave: Movimentos Feministas. Mulheres. Patriarcado. Violência.

ABSTRACT

Build "being" women, is constantly changing. The search for the reapropriation of stolen power, not allowed and discredited, it is no easy task and, either, not all women are willing, have forces or have enough sense to do so. The process of

¹ Mestranda em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Santo Ângelo-RS e Integrante do Projeto de Pesquisa *Direitos Humanos e Movimentos Sociais na sociedade multicultural*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu - Mestrado em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo/RS. E-mail: ro.unser@hotmail.com.



libe

ration and transformation can be painful, to allow the birth of the young woman. you are in the twenty-first century, and it is indicates that gender inequality follows yelling at everyone, sometimes with greater or lesser extent. The work seeks to understand the situation of women, using as a backdrop the patriarchy culture, which victimizes independent female ethnic groups, financial condition or creed, if naturalizing in human relations. In this sense, there is a subaltern identity constructed for women, and the inequalities are the identity formation processes, but also resistance, assumed, especially by feminist movements that much has contributed to a female identity reconfiguration. Women have found these movements a space of struggle, strength and persistence to build a more equal and inclusive society for women.

Key Words: Feminist Movements. Women's. Patriarchy. Violence.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a luta das mulheres inicia-se a partir de uma perspectiva de gênero, esculpidas com premissas discriminatórias e preconceituosas típicas do patriarcado. Assim, essa construção sociológica do masculino e do feminino, marcada por papéis assimétricos de poder e dominação, tingiu a vida das mulheres de violência e as relegou por séculos à domesticidade.

Para compreender melhor este processo é importante rever como ocorreu o processo de desigualdade, considera-se importante buscar, primeiramente, aportes em outras áreas do conhecimento, como arqueologia, antropologia e história, a fim de se construir um cenário de como as mulheres viviam em períodos históricos e como ocorreu o processo de opressão patriarcal, no qual foi se modificando as identidades das mulheres.

OS LUGARES DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Nem sempre existiram desigualdades nas relações de gênero. Tais desigualdades se dão a partir de construções sociais, culturais, bem como através de relações de poder que ocorreram dentro de períodos históricos diferentes. A história das mulheres tem um começo muito diferente do que a história costuma



con

tar, em um meio cheio de lutas e conquistas, que por sua vez, estão longe de chegar a um fim. Assim, pode-se afirmar que a história das mulheres começa a se desenvolver, sob um novo olhar, a partir de estudos avançados dos primórdios da civilização.

Questões como diferenças e desigualdades são partes integrantes e primordiais dos estudos de gênero ou da antropologia de gênero² dentro das transformações históricas e da atualidade:

La nueva acepción del término anglosajón *gender* fue pronto adoptada em la década de los 80 por las Ciencias Sociales a nivel internacional para referirse a la construcción social de la masculinidad y la feminidad en las diferentes culturas. La idea fundamental era subrayar que la posición de inferioridad de las mujeres se debía a razones sociales y no a la naturaleza humana, de manera que la igualdad era una meta plausible si se establecían las pautas sócio-culturales adecuadas (CASARES, 2012).

Rosemary Radford Ruether, teóloga, pioneira nos estudos feminista cristão, defensora das mulheres e movimentos feministas, aponta que as mulheres eram detentoras de um papel central, onde o poder das mulheres de gerar a vida era primordial, sendo que, a mais antiga imagem dos seres humanos era retratada nas figuras de mulheres em forma de esculturas femininas que expressavam o culto primitivo à fertilidade.

A partir de indícios arqueológicos pode-se concluir que a mais antiga imagem humana do divino era feminina. Desde a época paleolítica até a neolítica, e estendendo-se aos indícios da civilização antiga, encontramos a imagem da Deusa [...] Podemos falar da imagem humana fundamental do divino como a Matriz primordial, o grande útero dentro do qual são geradas todas as coisas, Deuses e humanos, céu e terra, seres humanos e não-humanos (RUETHER, 1993).

Nesta mesma linhagem de pensamento, Riane Eisler, socióloga, advogada e ativista social, mundialmente reconhecida como autora da obra *O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro*, a autora desvenda o passado das mulheres de forma reveladora. Eiler pondera que a história das mulheres precisa ser vista a mais de 20

² Seguem algumas terminologias a respeito da evolução do termo Antropologia de Gênero, segundo Casares: "la especialidad que hoy denominamos *Antropología del género* comenzó designándose *Antropología de la Mujer* y posteriormente se llamó *Antropología Feminista* o *Antropología del Género* (CASARES, 2012).



anos atrás. Muitas descobertas foram realizadas através de escavações, em que foram encontradas diversas esculturas femininas (estatuetas), que expressavam o culto à fertilidade e às mulheres. Em conformidade com a autora, estas esculturas eram conhecidas como as “*Vênus*”, em sua maioria, eram esculpidas à imagem de mulheres grávidas, época esta em que as mulheres eram exaltadas pelo seu “poder de gerar a vida”. Segundo a autora:

[...] Parece ter refletido uma ordem social na qual as mulheres primeiramente cabeças de clãs e sacerdotisas e depois representando outros importantes papéis, detinha papel fundamental, na qual tanto homens quanto mulheres trabalhavam juntos em parceria igualitária em prol do bem comum. E se a imagem religiosa central era a de uma mulher dando à luz e não, como em nosso tempo, um homem morrendo em uma cruz, não deixaria de ter sentido deduzir que a vida e o amor à vida – em vez da morte e de medo à morte – dominavam a sociedade, assim como a arte. (EISLER, 2007).

As figuras femininas eram cultivadas pelo fato de serem portadoras do ventre materno o gerador da vida, a vida emerge do corpo da mulher.

Suas figuras realçam, tipicamente, os seios, as nádegas e o abdômen dilatado da fêmea; o rosto, as mãos e as pernas recebem pouca atenção. Isto sugere que a Deusa não é um foco de personalidade, mas, antes, de uma imagem impessoal dos poderes misteriosos da fecundidade. A fêmea humana grávida é a metáfora central dos poderes da vida para povos que não domesticavam animais nem plantas, mas dependiam totalmente das forças espontâneas da terra para juntar comida. [...] moldar enterrar no solo imagens da fêmea humana grávida continuou sendo a forma principal de a humanidade experimentar a cooperação mimética com os espantosos poderes da vida e da renovação da vida (RUETHER, 1993).

Nesse ínterim, as imagens femininas localizavam-se em posição central, diferentes dos símbolos masculinos que ocupavam posições periféricas ou estavam dispostos em volta das figuras e símbolos femininos. Além das esculturas, foram encontrados santuários, cemitérios e pinturas rupestres que pareciam estar relacionadas a um culto dedicado a uma deidade feminina, ou seja, a “*Grande Deusa Mãe*” ou Doadora de Tudo. Para a autora Eisler, os nossos primeiros ancestrais sugerem que os humanos e o meio ambiente são partes integralmente unidas do grande mistério da vida e da morte e que, portanto, toda a natureza deve ser tratada com respeito. Vejamos,



Nos
sos ancestrais do paleolítico e do começo do neolítico imaginavam o corpo da mulher como um receptáculo mágico. Devem ter observado como sangra de acordo com a lua e como miraculosamente produz gente. Também devem ter-se maravilhado com o fato de ele prover alimento, produzindo leite (EISLER, 2007)

Nesse ponto, é notável que os ancestrais ao se questionarem a origem da vida, de onde vem e para onde vão os seres humanos após a morte, tenham se deportado ao corpo das mulheres, “[...] imaginando o universo como uma “Mãe” generosa, de cujo ventre aflora toda a vida, e ao qual tudo retorna depois da morte para em seguida ressurgir, como nos ciclos da vida vegetal” (EISLER, 2007). Foi neste sentido, que correntes teóricas da própria antropologia têm demonstrado que, durante este período da humanidade, as mulheres eram adoradas pela sua proximidade com os eventos e mistérios da natureza (ANGELIN, 2014).

Concomitantemente, Simone de Beauvoir, escritora intelectual, filósofa existencialista, ativista política e teórica social francesa. Teve uma influência significativa tanto no existencialismo feminista quanto na teoria feminista, descreve em seu livro *O segundo sexo*, que a terra pertence às mulheres, sendo que as mulheres que possuíam o domínio – a terra é a mulher.

Pode-se, assim, considerar que, misticamente, a terra pertence às mulheres; elas têm um domínio a um tempo religioso e legal sobre a gleba e seus frutos. O laço que os une é mais estreito ainda do que uma pertinência; o regime de direito materno caracteriza-se por uma verdadeira assimilação da mulher à terra; em ambas se cumpre, através dos avatares, a permanência da vida, a vida que é essencialmente geração. Entre os nômades, a procriação parece ser apenas um acidente e as riquezas do solo continuam desconhecidas; mas o agricultor admira o mistério da fecundidade que desabrocha nos sulcos dos arados e no ventre materno; sabe que foi engendrado como a rês e as colheitas, deseja que seu clã engendre outros homens que o perpetuarão perpetuando a fertilidade dos campos. A Natureza na sua totalidade apresenta-se a ele como uma mãe; a terra é mulher, e a mulher é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a terra (BEAUVOIR, 1967).

É ao menos neste ponto, que é confiado o trabalho agrícola para as mulheres, pois, o homem sente-se passivo diante dos mistérios do corpo feminino.

Nesse estágio, o homem não se limita mais a coletar os produtos do solo, mas não conhece ainda sua força. Hesita entre as técnicas e a magia; sente-se passivo, dependente da Natureza que distribui ao acaso a existência e a morte [...] filhos e searas se lhe afiguram dádivas sobrenaturais e são os misteriosos eflúvios emanando do corpo feminino



que atraem para este mundo as riquezas enterradas nas fontes misteriosas da vida” (BEAUVOIR, 1967).

Nessa mesma perspectiva cabe, o pensamento de Elisabeth Badinter, filósofa e feminista francesa, também investiga em sua obra *Um é o outro*, os relacionamentos de mulheres e homens no decorrer da história da humanidade, buscando compreender o sentido que os padrões biológicos, comportamentais e culturais assumem nas relações humanas e na organização social. A autora destaca que, embora as mulheres eram consideradas seres mais fracas e lentas (devido a menstruação), em relação aos homens estes considerados mais fortes e inteligentes, alguns antropólogos questionam essa tal inferioridade *natural* das mulheres. Pois, seus argumentos baseiam-se no fato de que as mulheres, genitoras de seres humanos, tinham que alimentá-los e mantê-los vivos, enquanto que os homens buscavam o alimento proteico (BADINTER, 1986).

A partir da argumentação acima exposta, e de acordo com dados arqueológicos os primeiros sinais de cultivo da terra, a agricultura foi uma invenção das mulheres que, ao exercerem a coleta de alimentos “[...] tinha a oportunidade de observar os fenômenos naturais da sementeira e da germinação. Era normal que ela tentasse reproduzi-los artificialmente” (BADINTER, 1986).

Por outro lado, não se pode dizer que homens e mulheres viviam em uma organização matriarcal, pois se deduz que não existia um padrão dominador, mas sim uma sociedade baseada na parceria e na divisão sexual de trabalho (RUETHER, 1993). Igualmente Eisler destaca que, há fortes evidências de que a estrutura da sociedade pré-patriarcal era igualitária, ou seja, homens e mulheres viviam em igualdade “uma sociedade de parceria”, em harmonia, e em sistema de cooperação e não de dominação um sobre o outro: “[...] nenhuma metade da humanidade é colocada acima da outra, e nenhuma diferença é igualada a inferioridade ou superioridade” (EISLER, 2007). Simone de Beauvoir reitera:

[...] que a passagem do matriarcado para o patriarcado parece-lhe “a grande derrota histórica do feminino”. Mas, em verdade essa ideia de ouro da mulher não passa de um mito. Dizer que mulher era o *Outro* equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem um semelhante; era *além* do reino humano que seu domínio se afirmava: estava portanto *fora* desse reino (BEAUVOIR, 1967).



ão se pode olvidar que com o passar do tempo, houve transformações culturais, havendo uma ruptura nas sociedades que eram de parcerias e igualdades para uma sociedade de dominação patriarcal. De acordo com Eisler fatores como as mudanças climáticas com grandes períodos de seca contribuíram para a mudança nas relações entre homens e mulheres, fazendo com que as mulheres e crianças dependessem do alimento proteico garantido pela caça realizada pelos homens. Como afirma Eisler:

Foi um período caracterizado por longas sucessões de invasões no norte asiáticos e europeu por povos nômades que trouxeram consigo deuses masculinos e que gradativamente foram impondo suas ideologias e modos de vida sobre as terras que conquistavam (EISLER, 2007).

Posteriormente, seguiu-se um período caracterizado por longas sucessões de invasões no norte asiático e europeu por povos nômades, chamados de *Kurgans*³. O povo nômades que aparentemente eram insignificantes, pois viviam nas áreas marginais menos cobiçadas, cresceram em números e ferocidade e invadiram o norte asiático e europeu trazendo consigo “[...] deuses masculinos e gradativamente foram impondo suas ideologias e modos de vida sobre as terras e povos que conquistavam”. Contudo, o modelo de organização consistia em um sistema social de violência, dominação e conquista de riquezas materiais,

[...] sistema social no qual a dominação e a violência masculina e uma estrutura social em geral hierárquica e autoritária eram a norma. Outro ponto em comum era, em contraste com as sociedades em que estabelecem os alicerces da civilização ocidental, o modo característico como adquiriam riqueza material, não desenvolvendo tecnologias de produção, mas através de tecnologias cada vez mais de destruição. (EISLER, 2007).

Para Simone de Beauvoir, o homem pouco a pouco mediatizou sua experiência e, suas representações em diversas práticas, assim foi o princípio do

³ Os *kurgans* pertenciam ao que os estudiosos classificam como povos indo-europeus ou arianos, um tipo que seria mais tarde considerado por Nietzsche, e depois Hitler, como a única raça europeia pura. Na verdade, eles não eram os europeus originais [...]. Mas o termo indo-europeu pegou. Ele caracteriza uma longa linhagem de povos nômades que invadiram o norte da Ásia e da Europa. Havia ainda outros invasores nômades. O mais famoso deles é o povo semita, chamado de hebreu, que veio dos desertos ao sul e invadiu Canaã. [...] O elemento comum a todos eles é o modelo dominador de organização social: um sistema onde a regra é a dominação masculina, a violência masculina e uma estrutura social hierárquica e autoritária” (EISLER, 2007).



fo masculino. “O velho direito materno morreu; foi a ousada revolta do macho que o matou”. (BEAUVOIR, 1967). Vale lembrar que, foram muitas as influências que contribuíram para mudança de sociedade, entre elas a luta de povos pela sobrevivência e conflitos por conquistas de territórios. Destarde, esse, por sua vez, que a mudança na evolução cultural não ocorreu simplesmente em função de guerras (apesar de está ser um instrumento essencial na substituição de modelo de parceria pelo de dominação), mas sim, por um processo gradual e, por algum tempo, previsível. “[...] os acontecimentos que desencadearam tal mudança foram relativamente súbitos e, com o passar do tempo, tornaram-se imprevisíveis” (EISLER, 2007).

Segundo a autora, dessa forma ocorreu um desvio na evolução cultural, implicando, um atraso nas formas de organizações sociais, e acarretando desigualdades de gênero. Mais especificamente, começou a construção de uma sociedade marcada pela hierarquia e subordinação das mulheres. Assim, os homens passaram a construir uma sociedade, no qual eram impostas suas ideologias e, havendo há desigualdade entre homens e mulheres (EISLER, 2007).

Friedrich Engels filósofo alemão, em sua obra *A origem da família, da propriedade e do Estado*, também faz ponderações sobre a mudança de sociedade de parceria para patriarcado, afirmando que Engels afirma que a primeira forma de opressão ocorreu do homem sobre a mulher, em detrimento da monogamia imposta, a fim de saber quem era sua prole para repassar seus bens materiais após sua morte:

O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um progresso histórico, mas ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, o que dura até hoje: que o bem estra e o desenvolvimento de uns se dá às custas da dor e repressão dos outros. (ENGELS, 2002).

A Idade Média é outro exemplo de sociedade que viveu uma cultura de dominação masculina, o qual, para muitos historiadores foi à idade da luz caracterizada por seus grandes descobrimentos, porém, para outros, caracterizada como a idade das trevas devido à realização dos Tribunais da Inquisição. Nesse contexto, em conformidade com a historiadora Michelle Perrot, a maioria das vítimas



era

m mulheres, cerca de 90%, foram mortas, torturadas ou presas e queimadas de forma injustificada (PERROT, 2008). A idade da luz se transformou em idade das trevas porque ocorreu uma verdadeira caça às mulheres, denominadas *bruxas*.

As mulheres acusadas de bruxaria tinham elevado poder social. Geralmente eram curandeiras e parteiras de suas comunidades locais. Essas mulheres tinham um vasto conhecimento sobre plantas medicinais e atuavam como médicas sem título, o que acabara despertando a ira dos médicos desse período que, unidos aos inquisidores, teriam um bom motivo para extirpá-las. Assim, dessa forma:

Ao analisarmos o contexto histórico da Idade Média, vemos que bruxas eram as parteiras, as enfermeiras e as assistentes. Conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social. Estas mulheres eram, muitas vezes, a única possibilidade de atendimento médico para mulheres e pessoas pobres. Elas foram por um longo período médicas sem título. Aprendiam o ofício umas com as outras e passavam esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas. [...] Além disso, o fato dessas mulheres usarem seus conhecimentos para a cura de doenças e epidemias ocorridas em seus povoados acabou despertando a ira da instituição médica masculina em ascensão, que viu na Inquisição um bom método de eliminar as suas concorrentes econômicas, aliando-se a ela (ANGELIN, n.d. 2005).

Perrot afirma, que as mulheres por ocasião da Inquisição, eram acusadas de várias maneiras, em especial afirmando-se que elas deveriam ser torturadas e mortas pelo simples fato de ter desejo ao acesso de conhecimentos que lhes eram negados pelo clero da época (PERROT, 2008). A *caça às bruxas* se deu mais precisamente no final do século XIV até meados do século XVIII. Há relatos de milhares de execuções e, em sua maioria tinham mulheres como vítimas, sendo essas queimadas nas fogueiras. Centenas chegavam a ser executadas em um único dia. Muraro contribui relatando o terror que foi a Inquisição: “Novecentas bruxas foram executadas num único ano na área de Wertzberg, e cerca de mil na diocese de Como. Em Toulouse, quatrocentas foram assassinadas num único dia” (MURARO, 1993). A autora Muraro ressalta a importância de Deus para a época e traz presente alguns motivos que levaram a *caça às bruxas*, tendo esse período sido marcado uma visão teocrática de mundo e os inquisidores ligavam qualquer forma de transgressão às ordens divinas como crime e, as mulheres eram assim acusadas e punidas (MURARO, 1993).



e acordo com Angelin, outros motivos levaram as mulheres à Inquisição, além da questão sexual, houve uma campanha judicial que uniu as Igrejas de grande influência na época. A Igreja Católica, também parte das Igrejas Protestantes e a própria figura do Estado e das classes mais abastadas estavam empenhadas em perseguir as pessoas consideradas hereges. Essa perseguição, portanto, se deu de forma organizada religiosa e politicamente (ANGELIN, 2010). As mulheres, dessa maneira, além de terem sido as maiores vítimas da Inquisição, foram impedidas de manifestarem seus conhecimentos.

É importante sublinhar, que o extermínio das mulheres, em sua grande maioria, era amparado pelo Estado e conduzido, pela Igreja Católica. Para tal procedimento existia um documento, criado pela Igreja Católica, denominado *Malleus Maleficarum*, mais conhecido como Martelo das Bruxas. Seguem algumas teses centrais do *Malleus Maleficarum*, que foi um legítimo manual jurídico da caça às bruxas, criado pela Igreja Católica e utilizado neste período, e o qual permitiu esse expurgo do feminino em nome de Deus, transformando o corpo da mulher em *receptáculo* do demônio.

No período da *Inquisição* a mulher foi vista como tudo aquilo que é diferente, o transgressor, até mesmo o “diabólico”. Cabe destacar que nesse período histórico de torturas e mortes, elas eram vistas como belas, sedutoras, fazendo com que os próprios inquisidores caíssem em erro, em tentações. Isso caracterizou as mulheres como principais vítimas do processo inquisidor, mas não significa dizer que foram as únicas. Seguem algumas considerações do escritor uruguaio Eduardo Galeano em sua obra *Espelhos* sobre a forma como as mulheres eram retratadas na *Inquisição*, onde o diabo era visto como mulher. E no livro *Malleus Maleficarum*, já mencionado neste trabalho, havia várias recomendações de como exorcizá-las. Tais fundamentos jurídicos presentes nesse verdadeiro Código Inquisidor representavam ainda as mulheres como seres carnis, insaciáveis, e que apesar da beleza, os homens e também os próprios inquisidores, deveriam ter cuidado com elas e manter distância, pois as mulheres utilizavam-se de seus belos atributos para encantar os homens e depois aniquilá-los. O *Malleus Maleficarum* não passava de um código de criminologia que trazia consigo todas as tipicidades consideradas como bruxaria e que deveriam ser passíveis das mais severas punições (GALEANO, 2015).



pesar da situação de dominação e opressão das mulheres no período da *Inquisição*, algumas mulheres tiveram papel importante na Idade Média, a exemplo das mulheres camponesas. Auad contribui ao ressaltar os vários registros históricos do período medieval e do auge das propriedades feudais em que algumas mulheres tinham influência e papéis políticos destacados. Algumas dessas mulheres influentes chegavam a exercer o domínio de suas propriedades como senhoras feudais⁴ (AUAD, 2003) o que era uma exceção diante do patriarcado já instaurado. Ainda assim, o estereótipo feminino esperado era de condutas passivas, quietas, recatadas, voltadas ao lar, à igreja e aos homens. Qualquer manifestação contrária a esses *atributos exemplares* femininos, mesmo entre as mulheres da alta nobreza, estes eram repreendidos, ridicularizados e punidos. O imaginário da mulher melindrosa, passiva e de poucas palavras, ainda persiste em várias culturas e figura o imaginário coletivo e masculino. Nesse sentido, pondera Casares:

El estereotipo del silencio como cualidades sumamente valorada en las mujeres se forjó en la antigüedad reforzando la imagen negativa de la mujer que osara tomar la palabra pública, considerada chismosa y murmuradora, imagen que, desgraciadamente, continua formando parte del imaginario colectivo en el mundo contemporáneo (CASARES, 2012).

Diante do exposto, é possível perceber as transformações, mutações que ocorreram em diversos fatores para as mulheres, bem como a influência da religião na constituição das idenidades femininas de submissão até os dias atuais. Porém, as mulheres têm lutado de todas as formas e, uma delas tem sido através de movimentos feministas, movimentos de mulheres que denunciam está submissão e lutam por seus direitos.

⁴ “A mulher não poderia pretender um domínio feudal, uma vez que seria incapaz de defendê-lo. Sua situação muda quando os feudos se tornam hereditários e patrimoniais. Viu-se que havia no direito germânico sobrevivências do direito materno: na ausência de herdeiros, a filha podia herdar. Daí admitir também o feudalismo, por volta do século XI, a sucessão feminina O feudo não passa, então, de simples patrimônio e não há mais razão para que os dois sexos não sejam tratados em pé de igualdade. Na realidade, as mulheres permanecem na Alemanha, na Suíça, na Itália, submetidas a uma tutela perpétua, mas na França admite-se, segundo a expressão de Baumanoir, que ‘uma mulher vale um homem’. A tradição germânica dava um campeão como tutor à mulher; quando ela não precisa mais de campeão dispensa o tutor; como sexo, ela não é mais taxada de incapaz. Celibatária ou viúva, tem todos os direitos do homem; a propriedade confere-lhe a soberania; possuindo um feudo, ela o governa, o que quer dizer, distribui a justiça, assina tratados, dita leis. Vemo-la até desempenhar um papel militar, comandar exércitos, participar dos combates. Antes de Joana d'Arc existiram mulheres soldados, e se a Donzela espanta não escandaliza” (BEAUVOIR, 1967).



A LUTA PELO RECONHECIMENTO E IGUALDADE

No decorrer das mudanças sociais, principalmente no final da Idade Média e início da Idade Moderna, houve uma mudança bastante significativa na forma de tratamento dado aos gêneros, principalmente devido à ascensão do capitalismo e a necessidade de um número maior de trabalhadores. De acordo com Angelin e Maders, o capitalismo trouxe consigo maiores diferenças entre os sexos, essas diferenças foram intensificadas para as mulheres, principalmente, em relação às atividades atribuídas aos homens, e aqueles atribuídos às mulheres, como naturais, sendo que a atividade que tem mais destaque nessas diferenciações é o trabalho doméstico destinando à mulher (ANGELIN; MADERS, 2010). O caráter gratuito do trabalho doméstico, além de ressaltar a submissão feminina, fez com que este se tornasse cada vez mais invisível e dessa forma os salários masculinos não precisavam ser tão altos, pois eles não precisariam pagar pelos serviços domésticos de suas mulheres (ANGELIN; MADERS, 2010) o que favoreceu o capitalismo naquele momento.

Assim, houve um afastamento das mulheres da vida pública, voltando-as para a vida privada devido a uma *naturalização* das tarefas domésticas exercidas pelas mulheres. De acordo com as afirmações de Angelin, “[...] a *naturalização* da tarefa feminina na reprodução e na vida doméstica, bem como a responsabilidade pela alimentação e saúde da família, afastou as mulheres da vida pública” (ANGELIN, 2010).

O aprofundamento do capitalismo começou a mudar a realidade das mulheres. Através do êxodo rural e, mais tarde com a *Revolução Industrial*, muitas mulheres começaram a sair do campo para trabalhar nas fábricas. Perrot afirma que, na época da *Revolução Industrial* havia nas pessoas um apelo muito forte para que estas migrassem dos campos para as cidades diante da emergência nos mercados e nas comunicações e a influência das guerras (PERROT, 2008). Isso levou conseqüentemente, à mudança na vida profissional das mulheres, de acordo com a cultura dominante. No Brasil, durante o avanço da industrialização, as mulheres também foram requisitadas como força de trabalho nas grandes fábricas e sofreram vários tipos de abusos.



s mulheres tiveram uma maior abertura profissional, porém, pairou sobre estas uma sobrecarga de obrigações e tarefas. Angelin ressalta que, apesar dos avanços, diante da possibilidade de terem um emprego, as mulheres tiveram acumulados os trabalhos domésticos e, com isso, foram geradas sobrecargas de trabalhos para elas (ANGELIN, 2010). Pode-se também afirmar que a sobrecarga do trabalho das mulheres, inclui os afazeres e cuidados envolvendo a maternidade. Uma vez que, a maternidade dificulta à mulher conciliar seu papel de mãe e de trabalhadora, acarretando em atividades distintas (SIKORA, 2012).

Os avanços da modernidade trouxeram várias oportunidades de trabalho para as mulheres como, por exemplo, o de operárias nas grandes fábricas e profissões no setor terciário. Esta última caracterizada por profissões como vendedoras, secretárias, enfermeiras e professoras primárias. Não somente por ser o setor que mais cresce atualmente, mas porque a maioria destes trabalhos apresenta caráter doméstico e feminino, logo, nada melhor do que uma mulher para exercê-los (PERROT, 2008). As mulheres conquistaram seu espaço no mercado de trabalho, porém, o seu trabalho ainda segue sendo desvalorizado e sofrem com a desigualdade salarial⁵. O trabalho feminino ainda é visto de forma secundária ou complementar em relação ao trabalho dos homens (SIKORA, 2012). Ainda assim, não há como escapar à modernidade e à lógica capitalista, que fez com que ao longo dos anos, homens e, conseqüentemente, mulheres, tivessem que trabalhar juntos para poder adquirir mais e mais bens de consumo. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho foi um avanço mas não garante as suas libertações pois o avanço no campo do trabalho está intrinsecamente ligado ao avanço meramente econômico, ou seja, ao serem trabalhadoras, automaticamente, também se vêem ao lado consumista:

A entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, não é a causa principal da sua libertação; essa maciça está essencialmente ligada a uma nova fase da atividade econômica, que está centrada no equipamento dos lares. Se quisemos ter televisão, automóvel, máquina de lavar, etc., são necessários dois salários. É uma lógica essencialmente econômica; por isso, observamos que as mulheres passam, em grande parte, dos serviços pessoais não comerciais aos serviços pessoais comerciais e penetram pouco no domínio da tomada de decisão (TOURAINÉ, 2001).

⁵ Somente no setor público as mulheres ganham os mesmos salários que os homens em funções iguais.



A trajetória das mulheres, ao longo da história da humanidade, foi marcada por muitas lutas, sendo que estas lutas geraram várias conquistas para as mulheres. Porém, mesmo assim, as conquistas das mulheres não foram tão valorizadas e reconhecidas quanto às dos homens. A questão que remonta a suposta inferioridade feminina não pode ser baseada na insignificância da participação das mulheres na história da humanidade, pois estas participaram ativamente na construção de suas próprias histórias e identidades (BEAUVOIR, 1967).

Os valores femininos e masculinos constantes em suas identidades, como foram vistos anteriormente, foram impostos culturalmente e, portanto, não são acontecimentos ou características naturais. Da mesma forma foi imposta à dominação masculina sobre as mulheres e, conseqüentemente, a exclusão destas. Ao analisar a forma como as mulheres foram excluídas na sociedade não se pode dizer que as condições de dominação a que as mulheres foram acometidas sempre tiveram lugar na história (SIKORA, 2012). Diante da dominação masculina, a verdadeira história das mulheres foi sendo negligenciada⁶, pelo fato de que os homens escreveram a história e deixaram para trás as partes importantes que se referiam às mulheres (EISLER, 2007).

Diante do exposto, é possível perceber que as identidades não são fixas, portanto mutáveis e sofrem influência de vários fatores do cotidiano das mulheres, bem como da religião na constituição das identidades femininas de submissão e até mesmo violência. Porém, as mulheres tem resistido de diversas formas e, uma delas tem sido através de movimentos feministas que denunciam esta submissão e lutam por direitos humanos para as mulheres

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ “Considerada quase sempre um ser inferior, incapaz de se auto gerir, a mulher sempre foi vista pelo homem e também pela Igreja numa visão dicotômica, que por si só é opressora. Ou era ela a santa, dignificada, sublimada enquanto mãe, esposa fiel, servidora de seu marido. E, se ainda reunisse a condição de consagrada, de branca, proprietária, da elite, sua figura ideal estaria completa. Ou, de outro lado, a mulher era a geradora do mal, fonte dos vícios e pecados do homem, causa de toda perdição da humanidade. Ela é então, a prostituta, a feiticeira, a danada-possuída do diabo, a adúltera, o objeto do prazer sexual do macho. Frequentemente, estes “vícios” vêm associados às condições das camadas subalternas de opressão, marginalização, sendo, pois quase sinônimos de mulher escrava, mestiça, negra ou índia. Mal necessário com o qual a sociedade deveria conviver e ao mesmo tempo controlar, execrar, ridicularizar, oprimir, exorcizar” (SIKORA, 2012).



ão há como negar que a sociedade atual permanece alicerçada em parâmetros patriarcais, sejam eles veladas ou visíveis, não há como negar, que as mulheres tem se tornado autoras de suas próprias histórias, principalmente, devido às grandes lutas por espaço de decisão e por direitos de cidadania. Neste sentido, a luta das mulheres permanece de forma incisiva através da participação de forma direta e indireta na positivação e efetivação de seus Direitos Humanos e, na busca por uma sociedade mais igualitária e justa.

A luta das mulheres nos últimos anos, tem tido como características reivindicar, pressionar, propor ao Estado a efetivação dos direitos das mulheres e, garantir a participação das mulheres nas esferas públicas e privadas, mesmo sendo muitas vezes de forma ainda restrita. Tudo isso transformado em normas e leis positivadas que, ainda necessitam ser aplicadas de forma efetiva, para termos uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela. A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista. **Revista Espaço Acadêmico** n° 53. Outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53angelin.htm>>. Acesso em: 12 set. 2014.

_____ ; MADERS, Angelita Maria. A construção da equidade nas relações de gênero no ordenamento jurídico brasileiro: avanços e desafios. In: COPETTI, André Leonardo; DEL'OMO, Florisbal de Souza [Orgs.]. **Diálogo e entendimento: direito e multiculturalismo & cidadania e novas formas de solução de conflitos**. Volume 2. 2010.

_____ Relações de Gênero no Ordenamento Jurídico Brasileiro: A busca por direitos de cidadania diante de um ordenamento jurídico preconceituoso. **Iuris Tantum**, Ano XXV, Número 21, Terceira época, 2010.

_____. Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Estamos preparados? **Revista Eletrônica Direito e Política**, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.9, n.3, 3º quadrimestre de 2014. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro. Relações entre homens e mulheres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.



AUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CASARES, Aurelia Martín. **Antropologia del Género**. Culturas, mitos y estereotipos sexuales. 3. Ed. Cátedra PUV, Universitat de València, 2012.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da prosperidade privada e do Estado**. Tradução: Leandro Konder. São Paulo: Alfa-Omega, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Espelhos**. Uma história quase universal. Tradução de Eric Nepobuceno. 3 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

MURARO, Rose Marie. **Malleus maleficarum – o martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista**/Rosemary Radford Ruether; [tradução Walter Altmann, Luís Marcos Sander]. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

SIKORA, Rogério Moraes. **A interpretação constitucional como instrumento de efetivação dos direitos fundamentais das mulheres no Brasil: um estudo à luz do princípio da dignidade humana**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Direito - Mestrado), Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Santo Ângelo, 2012.

TOURAINE, Alain, KHOSROKHAVAR. **A procura de si: Diálogo sobre o sujeito**. Instituto Piaget. Lisboa, 2001.